

**COSTA, Maria Teresa.** Descaso apaga a história de indústria: Mato encobre a área na Vila Industrial onde funcionou a Cortidora Campineira fundada em 1882. Correio Popular, Campinas, 14 mar. 1999.

**MARIA TERESA COSTA**

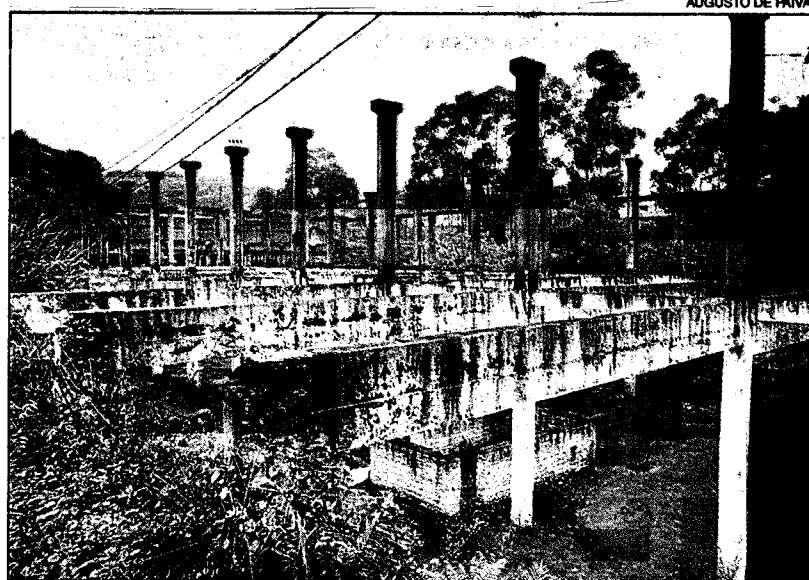
**A** alta chaminé de tijolos vermelhos remanescente da Campinas oitocentista e testemunha do desenvolvimento industrial que a cidade viveu a partir de 1850 está rodeada pelo mato. As unidades fabris são ruínas que aparecem na paisagem urbana como fantasmas do passado. Diante da cidade, o que restou da Companhia Cortidora Campineira e Calçados vai desaparecendo e, junto com ela, uma parte das indústrias nascentes de Campinas. Os escombros são hoje testemunhas do descaso com a história da cidade.

Nascida em 1882 com o nome de Cortume Campinense, produzia, desde o início, couros destinados ao solado de calçados, solas engraxadas para correias de máquinas e óleo de mocotó para os mercados de Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro.

A indústria, instalada na Vila Industrial, na rua Pereira Rebouças, viveu momentos de grande prosperidade, chegando a ocupar uma área de 48,9 mil metros quadrados, conforme levantamento feito pela socióloga Ema Rodrigues Camillo, pesquisadora do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que no final do ano publicou o *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas*, abrangendo o período de 1850 a 1887.

No Guia, a pesquisadora informa que a matéria-prima utilizada (couros verdes) até 1915 era fornecida pelo Matadouro Municipal. Mas depois, "com o surgimento dos Cortumes Cantúcio e Firmino Costa e como o abate no Matadouro não se processava diariamente, o abastecimento da matéria-prima teve que ser suprido por outras fontes".

Foi na década de 70, no entanto, que a empresa iniciou seu declínio, quando adquiriu a Fábrica de Calçados Maker-



**Prédio da Cortidora Campineira e Calçados: embate judicial**

li, de Franca. A fusão das empresas trouxe uma dívida de milhões de dólares e acabou levando a cortidora a entrar em concordata.

As atividades foram suspensas em 1979 e o maquinário, entregue aos credores. O terreno e o que restou da fábrica foram comprados por Euclides José Ártico e passaram a fazer parte de seu espólio. A Cortidora Campineira e Calçados faliu em 1984 e a Secretaria da Fazenda tomou a propriedade por conta dos débitos tributários que a empresa tinha com o Estado.

**EMBATE**

A área ocupada pelos escombros da antiga Cortidora Campineira e Calçados é hoje parte de um embate jurídico entre a Secretaria da Fazenda do Estado e Francisco Paulo Cavalcanti, que ocupa a área desde que a cortidora foi desativada. Ele conseguiu judicialmente a posse, mas não a propriedade da área. A propriedade é da Fazenda que ingressou com ação para conseguir a posse.

O possessor, que morava vizinho à cortidora, ocupou a área, reformou as casas que formavam os escritórios da antiga empresa e se o imóvel ainda não está totalmente destruído

é por causa dos cuidados que Cavalcanti vem tomando. Os prédios das oficinas, casas de máquinas, armazéns, tanques de tratamento do couro hoje são escombros.

Na área vivem várias famílias que pagam aluguel pelo uso das casas a Cavalcanti, que quando mudou-se para a cortidora, levou a transportadora que possuía para a área. Tempos depois desativou a transportadora e passou a reformar e a cuidar os prédios que estavam em pé. Um dos barracões foi alugado a uma empresa que comercializa sal e carvão.

Cavalcanti é reticente e não comenta o assunto, mas seu advogado, Aderbal Berço, informa que chegou a existir uma disputa jurídica entre o possessor e a filha do ex-dono pela posse da área, mas Cavalcanti venceu, a partir de uma sentença da 5ª Vara Cível, que reconheceu que o imóvel estava abandonado e ele tinha a posse mais antiga.

Está agora em fase inicial o processo que a Fazenda, que ficou com o imóvel em pagamento de débitos fiscais que a cortidora tinha com o Estado quando faliu, move contra o possessor. Cavalcanti está também arguindo usucapião da área, informou Berço.